

# humanitas

**Vol. XVII–XVIII**

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

*J. M. L.*

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HUMANITAS

VOLS. XVII E XVIII



COIMBRA  
MCMLXV · LXVI



Logo a seguir, em 330c, a comparação que vai de *ὡσπερ γὰρ οἱ ποιηταὶ* até *ἢ περ οἱ ἄλλοι* é fundida com o período anterior numa frase comprimida e apressada que contrasta com o tom calmo e prazenteiro do original, o tom duma conversa entre amigos, na Atenas do século v a.C..

As expressões duplas tão características da prosa grega, que se compraz em dizer como a coisa é e não é, são sistematicamente eliminadas e reduzidas ao estilo telegráfico e utilitário de urna conversa entre homens afadigados do nosso tempo. Esta falta de apreensão da cor original leva-me a pensar que o autor da versão editada por Guimarães & C.<sup>a</sup> não bebeu *ἀπο κρήνης*, na fonte grega, no próprio texto de Platão, mas alhures.

AMÉRICO DA COSTA RAMALHO

Ricardo Avalone, Mecenate. *Libreria Scientifica Editrice, Napoli*,  
s.d., 336 pp..

Estudo do homem e da sua obra literária, feito à maneira de biografia digressiva e parafrástica, em torno dos testemunhos fundamentais recebidos da Antiguidade.

O amigo e colaborador do *princeps* teve a pouca sorte de se tornar, aos olhos de Séneca, um símbolo do epicurismo romano. E nos comentários do moralista, com a sua posição preconcebida de estóico, feitos em ar retórico de diatribe, está uma das fontes principais, diversas vezes aduzida e criticada, do interessante trabalho do Professor Avalone.

Os fragmentos de prosa e verso de Mecenas são também cuidadosamente analisados, nesta apresentação que dele faz o Autor «sotto il nuovo profilo di epicureo e romântico» (p. 111).

O homem cujo nome próprio se tornou o substantivo comum com que nas línguas de civilização se designa o protector cultural e a sua acção (*mecenas*, *mecenatismo*) é aqui objecto de um livro que se lê com interesse e cujas ideias mestras acabam por ficar gravadas no espírito do leitor, à força de repetidas.

A. C. R.

Giovanni Pico della Mirandola, *Carmina Latina entdeckt und herausgegeben von Wolfgang Speyer*. E. J. Brill, Leiden, 1964, 60 pp..

Entre as publicações com que foi celebrado, em todo o mundo culto, o quinto centenário do nascimento de Giovanni Pico della Mirandola (nascido a 24-2-1463), urna das mais interessantes foi esta da primeira edição dos *Carmina Latina* do próprio humanista italiano.

Encontrou os manuscritos e editou as poesias latinas Wolfgang Speyer que, no capítulo 2.º («Die Entdeckung der Gedichte und ihre Überlieferung»), conta a curiosa história da sua descoberta.

O ms. que lhe serviu de ponto de partida para as suas investigações encontra-se na Biblioteca da Universidade de Münster, para onde veio da biblioteca do palácio de Nordkirchen. Foi adquirido em Roma, entre 1652 e 1661, pelo bispo-eleitor Ferdinand von Fürstenberg (1626-1683) que lhe após uma preciosa observação, segundo a qual o ms. era apógrafo de um outro de Paolo Manuzio (1512-1574) que, por sua vez, reproduziu um antigo ms. pertencente a Costanzo Landi (1521-1564), conde de Compiano. Mais acrescentava a nota do bispo Fürstenberg, que o ms. de Paolo Manuzio se encontra na Biblioteca Vaticana.

Embora não figurasse nos catálogos desta última livraria, teve W. Speyer a sorte de aí encontrar o provável ms. de Manuzio, e provido de uma nota que perfeitamente confirma a fonte indicada por Fürstenberg, a saber, o «vetustum exemplar» pertencente a Costanzo Landi. A data da cópia: 1562. Dado que C. Landi foi um dos grandes admiradores de Pico della Mirandola, e que o seu ms. era em 1562 considerado «vetusto», não é impossível que este ms. seja uma cópia directa do original do conde mirandolense, hoje perdido.

As seis Elegias agora publicadas com outras composições menores, num total de 489 versos, são curiosíssimas. Contrariando o lugar comum sobre a poesia humanística, que nos garante a sua falta de originalidade, os dísticos elegíacos de Pico della Mirandola são estuantes de vida e provocantemente autobiográficos. Não quer isto dizer que não seja possível encontrar paralelos aos pensamentos e às atitudes do Mirandolano, e até reminiscências, além das apontadas por Speyer. Assim, por exemplo, a «Elegia Sexta» lembra muito Horácio, *Sat. I, ii*. Mas o que se exprime aqui, de forma bastante pessoal, é iniludivelmente a vida buliçosa do filósofo-poeta, nos anos da juventude:

*paene puer quaecunque legis mea carmina lusi,  
quando fuit nostro nullus in ore pilus,  
necdum bis denas, haec cum sint edita, messes  
attigeram, tenerae debile mentis opus.*

(I, 27-30)

Segundo a sua declaração, o poeta não teria ainda vinte anos, quando, nas horas vagas de estudos mais sérios, compôs estes versos.

Os *Carmina Latina* ajudam-nos a surpreender a vida ardente do jovem estudioso, entre as solicitações dos sentidos, documentadas no erotismo das *Elegiae*, e a ambição de realizar-se, de aproveitar o breve tempo de uma vida que seria curta, para a elaboração de obra perdurável:

*Iam diuina, agite, exquirite munera,  
quae nunquam intereant, quae decus arrogant  
immortale sibi, quae dubias uices  
spernant perpetuo uere nitentia.*

(5, 38-41)

A íntima fluência destes asclepiadeus reflecte o entusiasmo juvenil de quem os compôs.

Também não deixará de surpreender os leitores destas poesias, que o futuro autor das *Disputationes adversus Astrologos* justifique a sua inclinação para o amor, com razões astrológicas («Elegia 2»). O assunto é, aliás, brevemente discutido por Speyer na sua Introdução («Pico als Anhänger der Astrologie»). E já que mencionamos a Introdução, acrescentemos que, sóbria, bem documentada, ela situa capazmente os *Carmina Latina* na vida e na bibliografia de Pico della Mirandola.

As duas observações que seguem não pretendem diminuir a boa impressão que toda a obra, elegantemente impressa e encadernada, nos deixa. Todavia, na p. 4, não gostei da menção de Pádua como «die Stadt des hl. Antonius», sem qualquer outra indicação sobre Santo António de Lisboa; e na p. 29, é de lembrar que o nome de Thais para uma «käufliches Mädchen» possui tradições gregas e latinas muito anteriores a Marcial.

Valoriza esta louvável edição dos *Carmina Latina* do mirandolanc um «Index Nominum» com todos os nomes próprios que ocorrem nos versos.

A. C. R.

C. M. Bowra, Pindar. Oxford, at the Clarendon Press, 1964.  
448 pp..

É habituai dizer-se — ea experiência confirma-o um sem número de vezes — que o autor é o pior juiz da sua própria obra. Não é este, porém, o caso do editor de Píndaro na Biblioteca Oxoniense e autor de um novo estudo sobre o mesmo poeta. Quem ler o prefácio deste livro fica muito objectivamente informado sobre a finalidade que o animou — servir de introdução ao estudo do escritor — sobre o uso que o A. fez dos trabalhos dos seus antecessores e o seu esforço para oferecer uma visão unitária da arte de Píndaro, o modo de abordar sucessivamente diversos aspectos, com a consequente desvantagem de repetições, não supridas por remissões; o papel secundário reservado à cronologia das obras, a pontos de crítica textual ou de métrica, onde lealmente confessa que pouco teria a acrescentar. Tudo isto é repousante e convidativo, para quem vem das forçadas interpretações que têm proliferado nos passados decénios. O A. não usa o tom oracular de muitos dos seus antecessores, mas conscienciosamente examina, cita e traduz os textos em que a cada passo se apoia. Não pretende explicar tudo. Pelo contrário, a pp. 273-274, depois de estudar os modelos de muitas metáforas de Píndaro, não hesita em confessar a dificuldade de explicar algumas delas. Servido por um perfeito domínio da matéria e uma apurada sensibilidade, o A. atinge, talvez, os pontos mais altos da sua exposição nos cap. V, VI, VII, VIII e IX, que mais directamente se referem à análise estilística, uso das imagens, tratamento do mito, unidade e variedade na estrutura.